



O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS



Prof. Elenir Guerra
Prof. Roseli Capelário

Índice



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

Apresentação

Caros Alunos do Curso de Ciências Biológicas.

Você está acessando o e-book da disciplina da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, convido todos a aproveitarem o máximo possível deste material didático que preparamos para vocês.

Nosso objetivo principal, é facilitar o conhecimento da cultura e identidade, e a forma de comunicação da pessoa surda.

É fundamental conhecermos a Lei no 10.436/2002 que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua natural dos surdos e o decreto 5.626/2005 que regulamenta e dispõe sobre o uso da Libras e a obrigatoriedade do ensino desta língua nos cursos de formação dos professores para o exercício do magistério em nível médio e superior em instituições públicas e privadas.

Espero que vocês possam aproveitar ao máximo o material, que servirá de embasamento e auxílio na caminhada desta disciplina conhecendo um pouco mais da Língua Brasileira de Sinais

Quero desejar a todos bons estudos, que vocês aproveitem o conteúdo disponibilizado - livro da disciplina, vídeo-aulas, materiais didáticos e complementares, bem como o e-book. É importante frisar que o e-book é um material interativo e para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do Adobe Reader 11. Coloco-me a inteira disposição, vocês podem entrar em contato comigo através do nosso canal de comunicação, Fórum Tira-Dúvidas, disponível na ABA AJUDA. Além de mim, se tiverem qualquer dúvida referente ao conteúdo proposto, bem como atividades, vocês podem entrar em contato com seu tutor a distância.

Um abraço.

Prof^a. Roseli Capelário



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

Práticas pedagógicas inclusivas no ensino superior para surdos sob perspectiva sócio-histórica

O movimento da educação de inclusão dos surdos no ensino superior ou no ensino fundamental não possui uma receita pronta, ou fórmulas ou modelos a serem seguidos para atingir os objetivos. Como seres históricos em construção, portanto, inacabados, num movimento constante de aperfeiçoamento, esta busca se identifica com a própria educação e é um processo constante. Discutir a história da educação dos surdos e da língua de sinais como instrumentos para as práticas pedagógicas inclusivas é fundamental para entendermos a inclusão dos surdos no ensino superior e as particularidades da língua e as diferentes formas de aprendizagens. A língua de sinais ocupa um marco importante nas atividades de inclusão dos surdos na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. Por isso, é essencial discutir a participação dos professores em relação à evolução dos processos inclusivos para surdos. Portanto, buscou-se resposta para esses desafios através da realização de entrevistas semiestruturadas com os professores da instituição.

NOTAS

Vídeo "A LIBRAS como instrumento de inclusão social"



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

Introdução

A inclusão dos surdos no ensino superior está amparada pela luta da comunidade surda que busca através do processo histórico ser reconhecida e ter a acessibilidade de acordo com suas necessidades, sendo respeitadas na sua cultura, identidade e língua. Como define a autora Streiechen (2011, p.164) “[...] ele fala uma língua e escreve em outra [...] são praticamente estrangeiros em seu próprio país”. Pensar uma sociedade para todos que respeite a diversidade do ser humano, atendendo as necessidades das majorias é concretizar a realização da sociedade inclusiva, na qual caberá à educação a mediação desse processo.

O contexto histórico teve diversas metodologias para que a inclusão dos surdos se efetivasse, por exemplo: Congresso de Milão com a metodologia do Oralismo (1880), a comunicação total e o bilinguismo e com este o reconhecimento da Língua de sinais.

Por reivindicar os seus direitos como cidadãos as pessoas surdas passaram a ter maior acesso a um ensino de qualidade, aos meios de comunicações, a atuação dos intérpretes e estudos sobre surdez, linguagem, educação e valorização da língua de sinais.

O acesso no ensino superior continua sendo um desafio a ser vencido na integração social com a comunidade acadêmica, principalmente, na comunicação entre professores x surdos x colegas de turma, os surdos necessitam em tempo integral da presença do intérprete para que a comunicação seja estabelecida.

As instituições de ensino devem ter um sistema que considera a necessidade de todos os alunos e deve estruturar-se em função dessas necessidades. Não se trata de criar uma estrutura especial para cada educando, mas fazer com que a estrutura educacional existente seja eficiente para atender a todos os níveis de aprendizagem.

NOTAS



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

Método / Desenvolvimento

Falar em inclusão é lembrar a história de exclusão e marginalização com os menos hábeis, principalmente em uma época em que a mídia ressalta a valorização do “ser perfeito”, por esse motivo, a tarefa da educação inclusiva é desafiadora, tendo como desafio a ideia de que todos podem aprender juntos, cabendo ao professor a difícil tarefa de compatibilizar os interesses do grupo com aqueles que apresentam diversidade cultural, identidade e língua própria de sua comunidade. Para Goldfeld (2002, p. 51) “o meio social e o momento histórico determinam a língua – sistema semiótico criado e produzido no contexto histórico [...] a língua reflete e revela as características sócio-histórica de sua comunidade.”



Vídeo Mãos que Falam - a inclusão surda (2011)

A primeira crise entre a cultura surda e a sociedade em geral, ocorreu a partir de 1880 (PERLIN, 2002). A comunidade surda passou a ser rejeitada porque insistia em manter a língua de sinais. A exigência de que as crianças surdas tivessem que aprender a falar oralmente, começou a deixar suas marcas na personalidade e no desenvolvimento cognitivo e linguístico dessas pessoas. Isso daria espaço ao isolamento social dos surdos, que correu, em função da busca de espaço para a sobrevivência da língua de sinais. No auge do oralismo, o uso da língua de sinais foi banido e proibido nos recintos tanto das instituições educativas ou da família como nas organizações de surdos

Durante todo processo da educação de surdos houve dois acontecimentos que marcaram de forma significativa e determinante e se constituíram marcantes na vida e história desses sujeitos. Segundo Skliar (1997apud Salles 2004, p.55),

NOTAS



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

Existiram dois grandes períodos na história da educação dos surdos: 'um período prévio, que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da Língua de Sinais, e outro posterior, que vai de 1880, até nossos dias, de predomínio absoluto de uma única 'equação' segundo a qual a educação dos surdos se reduz a língua oral.'

Durante muito tempo a força da metodologia oralista se impôs sobre a educação dos surdos e estava impregnada da visão patológica, com possibilidade de cura e acreditava que o convívio social dessas pessoas só seria possível através do uso da língua oral. A prática pedagógica era centralizada no processo silábico, nessa metodologia acreditava-se que o surdo tinha dificuldade de abstração e construção do conhecimento.

Salles (2004) ressalta que no período de vigência do oralismo, defendia-se a ideia de que aprender falar é mais importante do que ler e escrever e, sendo assim, o sujeito surdo deve ser curado, corrigido. Que a língua de sinais é segregadora e acientífica e o uso da mesma levaria a pessoa surda à acomodação e a desmotivaria para a fala condenando-a a viver na subcultura.

Os fracassos da metodologia do oralismo pode se perceber nos resultados esmagadores de investigação e pesquisas na área da surdez e na formação dos surdos que não conseguiram viver e nem conviver em sociedade como sujeitos pensantes e ativos.

Diante do fracasso do oralismo, famílias e professores começaram a pensar uma nova metodologia para a educação de surdos. Surge então, nos Estados Unidos a metodologia da Comunicação Total, que passa a dar autonomia para a família decidir qual forma de educação queria dar aos seus filhos. "A comunicação total acredita que cabe à família decidir qual a forma de educação que seu filho terá. Esta decisão não cabe ao profissional que lida com a criança". (GOLDFELD, 1997, p.41).

A Comunicação Total surge como ancora salvadora para a educação dos surdos.

A dificuldade de aprendizagem da língua oral – que provoca sérias consequências para o desenvolvimento da criança, sobretudo na escolarização -, aliada a uma nova visão por parte da comunidade em geral acerca dos grupos minoritários, e ao desejo e persistência dos surdos, levou alguns profissionais, nas décadas de 1960 e 1970, a repensarem questões

NOTAS



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

relacionadas à educação das crianças surdas, seu espaço na sociedade e sua relação com os ouvintes. A partir dessa época surge uma nova filosofia educacional, para surdos chamada Comunicação Total, e os surdos começam, pouco a pouco, a utilizar sinais. (GOLDFELD 2002, p.14)

Ainda segundo Goldfeld (2002), A comunicação Total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes. Essa filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por esse motivo, essa filosofia defende a utilização de recursos espaço-viso-manuais como facilitadores da comunicação.

A comunicação total começa a mostrar as diferenças necessárias para trabalhar com os surdos dando aos professores e famílias esperança para novas descobertas e possibilidades que favoreçam e facilitem a aprendizagem e o convívio social dos surdos.

Para Goldfeld (2002), uma das grandes diferenças entre a comunicação total e as outras filosofias educacionais é o fato de a comunicação total defender a utilização de qualquer recurso linguístico, seja língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação com as pessoas surdas. Outra característica importante é o fato de essa filosofia valorizar a decisão da família da criança surda no sentido de acreditar que cabe a ela o papel de compartilhar seus valores e significados, formando em conjunto com a criança através da comunicação, sua subjetividade.

NOTAS

Vídeo "Entrevista Capovilla Parte 1"

No entanto, na comunicação total, a língua de sinais não é utilizada de forma plena como deveria ser. A comunicação total não privilegia o fato de essa língua ser natural dos surdos e carregar uma cultura própria, mas, cria recursos artificiais para facilitar a comunicação e a educação dos surdos, que podem provocar uma dificuldade de comunicação entre surdos que dominam códigos diferentes da língua de sinais. A Comunicação Total também trouxe as bases para o desenvolvimento do bilinguismo, que tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país. (GOLDFELD, 2002).

Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo aceitar e assumir sua surdez. O conceito mais importante que a filosofia bilíngue traz é de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua própria. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada por esta filosofia. Isto não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo, ao contrário, este aprendizado é significativo, mas, não é percebida como o único objetivo educacional do surdo nem como uma possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez. (GOLDFELD, 2002).

A questão principal para o bilinguismo é entender o Surdo, suas particularidades, sua língua (a língua de sinais), sua cultura e a forma singular de pensar, agir e não apenas os aspectos biológicos ligados à surdez. Em relação à aquisição da língua, o bilinguismo afirma que a criança surda deve adquirir sua língua materna, a língua de sinais. Esta aquisição deve ocorrer, preferencialmente, pelo convívio da criança surda com outros surdos mais velhos, que dominem a língua. Saks (apud Caldeira, 1998, p.18) diz que a língua “deve ser introduzida tão cedo quanto possível ou seu desenvolvimento pode ser permanentemente retardado e prejudicado”.

Para entender melhor a discussão que se dá em torno do Bilinguismo faz – se necessário ressaltar a fala de Antonio Campos de Abreu, da Federação nacional da pessoa com deficiência.



Preservar a cultura da comunidade surda é necessário e importante. Usar a Língua Brasileira de Sinais é cidadania para toda comunidade surda. Respeitar a forma de comunicação do surdo é um dever da sociedade e de todos. Os surdos sonham com um mundo pelas mãos que falam. (AZEVEDO 2006, p.5)

Blog "Inclusão dos surdos"

A proposta bilíngue por favorece o desenvolvimento cognitivo e reconhece a língua de sinais como primeira língua e mediadora da segunda – língua portuguesa e traz grande contribuição no desenvolvimento da pessoa surda a para a ampliação do vocabulário.

Vygotsky julga que a linguagem tem papel decisivo na formação dos processos mentais, e a língua, além de ser uma forma de comunicação, é uma função reguladora do pensamento. A língua torna-se um meio de transmitir conceitos e sentimentos, além de propiciar elementos para ampliar conhecimentos. A surdez pode bloquear o desenvolvimento da linguagem verbal, mas não impede o desenvolvimento dos processos não-verbais. (KUBASKI e MORAES 2009, p. 3414)

Artigo "o bilingüismo como proposta educacional para crianças surdas"

A partir do decreto 5.626/2005 que regulamenta a lei de Libras nº 10.436/2002, as pessoas surdas passaram a ter direito ao uso da língua de sinais, como língua sinalizada. O português é utilizado como segunda língua na modalidade escrita. Sendo assim, a educação de surdos passa a ser bilíngue. Para Quadros (2000 apud Kubaski e Moraes 2009, p. 3414) "Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil."

Discutir a educação dos surdos à luz dos pressupostos sócio-históricos é fundamental para compreender a inclusão no ensino superior dos surdos, bem como a visão que temos desses sujeitos que buscam o conhecimento através da comunicação em sua própria língua, provocando os educadores a repensar suas práticas. Lacerda esclarece que:

NOTAS



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

A surdez não significa outra coisa que a ausência de um dos elementos que permitem a formação de relações com o ambiente. A função principal do ouvido é a de receber e analisar os elementos sonoros do ambiente, decompor a realidade em partes singulares com as quais se ligam nossas reações, a fim de adaptar o mais possível o comportamento ao ambiente. Em si mesmo, o comportamento humano, na sua totalidade de reações, excluindo-se aquelas ligadas aos aspectos sonoros, permanece intacto no surdo. (LACERDA 1996, p. 49)

Portanto, essa discussão traz o enfoque sócio-histórico, defendida por Freitas (2000, n.p.) que “permite perceber seus sujeitos como históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura, os quais criam idéias e consciência ao produzir e reproduzir a realidade social, sendo nela ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos”.

Emerge, assim, a necessidade de se buscar outros meios de aquisição de linguagem por parte dos indivíduos surdos, que valorizem o sentido visual, visto que os sonoros não são efetivos.

Para uma efetiva aprendizagem as pessoas surdas, assim, como as demais pessoas tem necessidade de uma linguagem viva e ativa que lhes permita desenvolver e conviver como seres sociais e culturais.

Os surdos que estão inseridos nas instituições de ensino superior são desafiados diariamente, a construir e reconstruir o conhecimento, isso só se realiza diante da presença do profissional intérprete que atua como canal de comunicação entre o professor ouvinte e o acadêmico surdo. No entanto, só ver não é suficiente, de acordo com Falcão (2010, p. 201)

O caminho único de “ver para crer” não pode ser o único instrumento de aprendizagem para os surdos para confirmarem os fatos vistos como reais e verdadeiros. A cognição humana se baseia num processo de elaboração mental dinâmico e é preciso explorar todos os sentidos totais e residuais como construção do conhecimento e comunicação, quer pela linguagem emocional, corporal ou linguística, coerente e contraditória, de acordo com a realidade e a imaginação que relativizam a dinâmica da vida.



Vídeo "Inclusão Social / Projeto Mãos - Missão aos Surdos"

Para Grassi (2009), na medida em que os surdos vão conquistando o seu espaço passam a serem reconhecidos como uma comunidade pensante e possuidora de cultura própria, com língua própria lutando pelo direito a instrução em sua primeira língua, com o direito a educação bilíngue, assegurando a presença do intérprete de língua de sinais como mediador da comunicação.

A pesquisa realizada com os professores que atuam em sala de aula com acadêmicos surdos na Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, ainda mostra a falta de práticas pedagógicas dos professores. Sendo que o processo de inserção de acadêmicos surdos na Universidade completa uma década. De acordo, com Barby & Vestena (2007, p.124)

Na Universidade Estadual do Centro Oeste – Unicentro, o processo de inclusão do acadêmico surdo se iniciou em 2003, especificamente, no curso de Pedagogia. Relatos desta experiência de aprendizado cooperativo desenvolvido pelo PAPE - Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais e o GIEDH são descritos e analisados por Barby & Vestena. Tal pesquisa demonstrou-se pioneira na inclusão do aluno surdo na instituição pública de ensino superior no estado do Paraná, por tratar-se de um relato de experiência de organização de estágio, junto ao 3º ano de uma turma de pedagogia, cuja turma possuía uma acadêmica surda, a partir da implementação de uma rede de apoio e algumas adaptações curriculares visando o aprendizado cooperativo num ambiente de amizade e respeito. Os resultados apontaram que a "inclusão de uma acadêmica surda proporcionou ao grupo a oportunidade de aprender uns com os outros, de apoiar e ser apoiado, de cooperar, de valorizar os talentos e respeitar os limites".



Durante esses anos de inserção cabe dizer que a inclusão verdadeira ainda não aconteceu, já que a comunicação estabelecida entre os surdos e a comunidade universitária se dá sempre com a presença do intérprete. Um dos questionamentos feitos aos professores foi: na sua atuação você depende em tudo do intérprete de Libras para estabelecer um diálogo com o acadêmico surdo? A resposta foi unânime em afirmar que sim. Já a questão que questionava sobre a relação do intérprete com os surdos na sala de aula as respostas variou entre recurso de comunicação e auxiliar no desenvolvimento nas atividades somente um professor respondeu que o intérprete é um profissional.

A apesar das iniciativas inclusivas do surdo na universidade, nota-se a falta de preparo dos profissionais da educação para atuar. O conhecimento da língua de sinais por esses profissionais seria fundamental para estabelecer o mínimo de comunicação com os acadêmicos surdos e efetivar definitivamente a inclusão, senão corre-se o risco de isolá-los da convivência e da aprendizagem, conforme esclarece Pocker.

"Os surdos no ambiente escolar como no familiar, normalmente encontram-se numa situação de isolamento". Quando promovem diálogos com ouvintes ou outros surdos, geralmente os assuntos restringem-se a fatos concretos e imediatos, por este fato, as opiniões dos surdos quase sempre não são consideradas, não são requisitadas a argumentar e a apresentar seu ponto de vista, e suas perguntas são respondidas de forma mais simples e breve possível. (POCKER, 2001, p.45)

Vídeo "LIBRAS - Clipe do Projeto Inclusão pela Libras 2010"



A inclusão das pessoas surdas nos instituições de ensino ainda é uma utopia, por causa da falta de comunicação, de conhecimento da cultura e principalmente da língua como instrumento de comunicação entre pessoas com línguas diferentes, mas com objetivos comuns, a construção do conhecimento. Para as pesquisadoras Barby & Vestena (2007) que já desenvolveram pesquisas semelhantes consideram que:

Ao longo desses anos, que o processo inclusivo tem-se caracterizado por ações isoladas advindas de alguns professores e de profissionais especializados, por exemplo, os interpretes de Libras, parece haver dificuldade de sensibilizar a comunidade acadêmica para o respeito às diversidades. Além do mais, ocorrem ainda, práticas pedagógicas desconectas com as ansiedades da comunidade surda, fruto do despreparo dos ouvintes e desconhecimento dos aspectos culturais do surdo, em especial, da sua língua.

No entanto, os intérpretes de Libras enquanto profissionais mediadores da comunicação, na sala de aula da Unicentro têm servido como ponte entre os surdos e os ouvintes favorecendo a aprendizagem e o conhecimento. No entanto, para Rosa a presença do intérprete em sala de aula não poderá substituir a metodologia de ensino no contexto educacional.

A presença do intérprete não assegura que questões metodológicas, levando em conta que os processos próprios de acesso ao conhecimento, sejam consideradas, ou que o currículo escolar sofra ajustes para contemplar peculiaridades e aspectos culturais da comunidade surda. Não há garantia de que o espaço sócio educacional em um sentido amplo contemple o aluno surdo, pois este poderá permanecer, de certa forma, às margens da vida escolar. (ROSA 2005 apud FALCÃO 2010, p. 334)

De acordo, com um dos entrevistados a intervenção do intérprete é fundamental na explanação dos conteúdos e no encaminhamento das atividades e outro relata que adota metodologia particular de estudo, principalmente nas questões que os acadêmicos precisam aprofundar por si mesmos os conhecimentos. Para Falcão (2010 p. 334) "a construção do conhecimento tem caráter social e emancipatório depende das condições propiciadas, de qualidade das interações e das relações dialógicas entre os sujeitos aprendizes no âmbito da escola."



Nesse sentido, a pessoa surda precisa ser envolvida no contexto educacional, solicitada a interagir com o meio, para que estreite sua função simbólica e passa a alcançar o conhecimento, mas não é só solicitação de linguagem que permite isto e sim as trocas simbólicas significativas.

NOTAS



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

Considerações finais

Os resultados indicam que a metodologia adotada por alguns professores em suas aulas faz a diferença mesmo que não conheçam a língua de sinais, mas criam estratégias para facilitar a aprendizagem do acadêmico surdo. Um dos professores relata que busca utilizar diferentes recursos, escrita e gestos, no entanto a intervenção do intérprete é muito importante para a comunicação.

Os resultados indicam que a comunicação entre o surdo e o professor nas aulas é feita sempre através do intérprete. Os professores desconhecem a língua de sinais e desconhecem o desenvolvimento cognitivo dos acadêmicos surdos. Não há um olhar epistêmico por parte dos professores universitários sobre os acadêmicos surdos que raramente se manifestam de como se sentem ao estarem inclusos.

Os surdos buscam uma educação bilingue para poderem ser autores e co-autores na construção do conhecimento colocando-se no processo de aprendizagem através da língua de sinais e da escrita do português sua segunda língua.

Portanto, faz-se necessária a criação de estratégias pedagógicas adequadas que considerem a especificidade da aprendizagem do surdo, não vinculando sua aprendizagem a sua deficiência, mas buscando saídas de comunicação que levem em conta a sua forma peculiar de comunicação e de interação com o meio no plano simbólico e suas trocas.

NOTAS



CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

Bibliografia

AZEVEDO, Eduardo. Língua Brasileira de Sinais: Uma conquista histórica. Brasília, Senado Federal. 2006

BARBY A. A. O. M.; VESTENA C. L. B.. Inclusão no ensino superior: a visão do surdo que se comunica em língua de sinais e o que não a utiliza. Trabalho apresentado na 8ª Jornada de Educação Especial, promovida pelo Departamento de Educação Especial da Unesp, Campus de Marília-SP. 2007

CALDEIRA. José Carlos Lassi. Aquisição e desenvolvimento da língua de sinais. Belo Horizonte: Clínica-Escala Fono, 1998.

FALCÃO, Luiz Alberto Barbosa. Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos paradigmas. Recife: Ed. Do autor 2010

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Estudos qualitativos numa abordagem sócio-histórica. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

GOLDFELD, Márcia. A criança surda. Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GRASSI, Dayse. A Inclusão de Surdos na Universidade –Um estudo de caso. Cuiabá-MT, 2009 Total de folhas do TCC – 45 p. Disponível em: <http://www.google.com.br/#q=A+Inclus%C3%A3o+de+Surdos+na+Universidade+%E2%80%93+Um+estudo+de+caso>. acesso em: 19/agos/2013

KUBASKI, Cristiane, MORAES, Vila Porto. O bilinguismo como proposta educaeducacional para crianças surdas. 2009. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf- acesso em 28/agos/2013.

LACERDA, Cristina B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. Disponível em: <<http://www.virtual.udesc.br/html/surdos/artigos/artigo07.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2010.

PERLIN, G.T.T. (Org.). A surdez um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação. 1998. CALDEIRA. José Carlos Lassi. Aquisição e desenvolvimento da língua de sinais. Belo Horizonte: Clínica-Escala Fono, 1989.

PERLIN, Gladis T.T. História dos surdos. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

POKER, R. B. Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: Uma proposta de intervenção educacional. 2003. 363f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. et al. Ensino da língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

STREIECHEN, Eliziane. Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

SKLIAR, Carlos. Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos. 2ªed. Ed. Mediação, Porto Alegre - 1999

